

A QUESTÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM PERCURSO NO ESTUDO DA LINGUAGEM

Ana de Nazaré Egas Praia¹
Eliane de Fátima Manenti Rangel²
Karen Letícia Bueno da Silva³
Suelem Martins Dias⁴

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura compreender as variações que ocorrem na língua portuguesa e o preconceito em relação a tais variações, dado que, mesmo no século XXI, existem indivíduos que não aceitam ou não respeitam os múltiplos falares distintos. Além disso, esse preconceito vem agregado a outros, como, por exemplo, o de classes sociais. Esse assunto tem relevância social, educacional e cultural, sendo, demasiadamente, importante abordá-lo, a fim de entendermos a relação da língua com a sociedade; além disso, contribui com a gama dos trabalhos da disciplina Sociolinguística.

Desse modo, a investigação abordará o debate sobre o preconceito agregado a essas variações, dado que não se pode desvincular dos demais preconceitos presentes na sociedade. Para isso, o primeiro capítulo denomina-se **Início da investigação linguística**, apresentando como suportes teóricos, os autores Fiorin (2002) e Saussure (2012). Na sequência, no capítulo intitulado **Língua, cultura, sociedade e história** serão expostas as variações de linguagem, contendo como referenciais, os escritores Coelho (2012), Mussalim (2001), Orlandi (1986), Bortoni-Ricardo (2018), Santana; Neves(2015). Por fim, o capítulo intitulado **A questão do preconceito linguístico**, baseando-se nos autores Leite (2021), Bagno (2000, 2008, 2009, 2015), Calvet (2002), discutirá a respeito dos mitos, bem como do preconceito velado e as principais causas para que ele ocorra.

1 METODOLOGIA

A metodologia utilizar-se-á da pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2010, p.29) é “elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.”

Dessa forma, analisamos como arcabouços teóricos Leite (2021), Bagno (2000, 2008, 2009, 2015), Calvet (2002) que contribuíram para uma análise crítica frente a questão do preconceito linguístico na sociedade e, principalmente, na escola.

¹Cursa doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. praia.ana@acad.ufsm.br

²Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. eliane.rangel@urisanriago.br

³Cursa Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. karen.bueno@acad.ufsm.br

⁴Cursa Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. su.letrasufsm@gmail.com

No livro “Preconceito Linguístico”, Bagno (2015) aborda o que chama de “mitologia do preconceito linguístico no Brasil” em que debate as principais expressões ditas pelos brasileiros e assim com base nesses mitos discorreremos a análise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A relação social é a base para a comunicação. Sobre esse fato não há dúvida. Porém, a partir do século XX, começou a germinar a ideia de que a língua não é precisamente neutra nem imutável, conforme se afirmava anteriormente; ao contrário, ela sofre variações dependendo do tempo e do espaço.

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra (BAKHTIN 1988 [1929], p. 147. apud. COELHO. et.al.2012, p.16).

A partir de Bakhtin, percebemos a preocupação não só com a língua escrita, mas também com a falada. Dito isso, compreendemos que não há como isolar o ser humano da sua conjuntura; em outras palavras, da bagagem linguística e cultural que traz consigo como histórico. Podemos ensinar um aluno a adequar a sua língua de acordo com o ambiente em que ele será inserido; contudo, não podemos tirar dele a carga linguística introduzida antes de ele entrar no espaço escolar.

O universo linguístico do português brasileiro é tão rico, mas esta riqueza ficou de fora da gramática para não comprometer a soberania nacional da escrita padrão, a qual não permite introdução da linguagem popular (SANTANA; NEVES, 2015, p.9).

A principal preocupação em relação à educação é esta: dar o reconhecimento necessário às variações linguísticas, pois a linguagem padrão apresentada para os alunos, nada mais é do que um universo desconhecido e fora de uso para muitos deles. Quando essas variações não são aceitas ou respeitadas, trata-se de preconceito linguístico. Todavia, esse assunto nem sempre é debatido, visto que, muitas vezes, esse desrespeito é de forma velada ou cômica. A partir do próximo item, o foco desta pesquisa abordará a questão do preconceito linguístico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O preconceito linguístico nada mais é do que um problema social que deve ser debatido e resolvido, um problema quase invisível, mas muito cometido. É um erro pensarmos que há uniformização na língua brasileira, como já discorrido acima; já que a grande expansão territorial permite a heterogeneidade na fala de muitos brasileiros de diferentes regiões.

A origem do preconceito linguístico vem desde a época escolar, em que nos foi ensinado o português supostamente “correto”. No livro “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz”, Marcos Bagno (2008) cita a existência de uma trípole

escola-gramática-dicionário e a relaciona diretamente com o preconceito linguístico, uma vez que o emprego da gramática normativa é visto como um instrumento de distinção entre os vários falares. Isso é notável quando assistimos a uma novela na televisão, percebemos uma uniformização da linguagem, ou seja, todos falando o mais correto e parecido possível; porém, ao entrar em cena, um personagem que fala com características nordestinas, esse ator escracha nas palavras e na maneira de falar para dar o “alívio cômico”.

Mas cabe uma pergunta para reflexão: como pode existir “alívio cômico” em cima de um preconceito? Essa atitude se caracteriza como uma forma de marginalização e exclusão linguística, como exemplo, usaremos o fenômeno fonético chamado palatalização caracterizado como a mudança fonética que ocorre nas vogais e consoantes nas diversas linguagens.

Conforme Bagno (2009, p. 21) “os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas, analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas.” Em outros termos, os falantes das classes dominantes são preconceituosos com as suas próprias variedades linguísticas, dado que eles também estão inseridos nessa comunidade como um todo.

A partir da pesquisa bibliográfica feita com base nos livros de Bagno (2015), destacamos os dois primeiros mitos: o introdutório é maléfico à educação, dado que ao não reconhecer a diversidade no falar, acarreta uma “imposição” a uma norma que não é presente na fala dos brasileiros, e o segundo mito nada mais é do que o sentimento de ainda nos caracterizarmos como uma colônia. Assim como adaptamos a linguagem de acordo com as nossas necessidades, em Portugal acontece a mesma coisa; nós sabemos o nosso português e eles sabem o deles. Nenhum está certo ou errado, cada um está de acordo com a sua necessidade frente à comunidade que a usa. Ao refletirmos sobre a compreensão do que é dito no coloquial, constatamos que, por mais que não se conheça alguns vocábulos presentes na fala de um sujeito que construiu sua bagagem linguística, fora do ambiente que atualmente está inserido, percebemos que, ainda assim, há compreensão baseado no contexto em que a fala está sendo empregada. Então, por que insistimos em afirmar que há uniformização na linguagem?

Para Calvet (2002 p. 12) “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Assim dizendo, existe um preconceito histórico frente a uma comunidade linguística; como dito anteriormente, neste mesmo capítulo, o preconceito linguístico não pode ser visto de modo isolado dos demais. Quanto à educação e sua posição frente às variedades linguísticas, sabe-se que, dentro de uma formação docente, é debatido o quanto a bagagem histórica (conhecimentos prévios) pode e deve auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

Dito isso, devemos observar que a escola como uma instituição de formação que busca a transformação da comunidade em que ela está inserida, deve mediar o conhecimento, permitindo o apreender da linguagem tanto por meio da leitura

quanto pela escrita, a compreensão de outros modos de falar. Por isso, de modo algum a comunidade escolar deve permitir a repressão ou qualquer tipo de zombaria

linguística. Observe o que Bagno escreve a respeito de como as instituições voltadas à educação e cultura devem proceder:

[...] abandonem o mito da “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social. (BAGNO, 2015, p.33)

A equipe escolar deve, portanto, dar a atenção necessária a esse fator, visto que tem como missão tornar o ambiente acolhedor, além de permitir que o discente possa ter voz ativa. Assim, seriam promovidas melhorias no âmbito estudantil; afinal, o principal objetivo de uma gestão voltada ao aluno é uma educação igualitária e de qualidade para todos os sujeitos.

4 CONCLUSÃO

Se a relação social é a base para a comunicação, então as variações linguísticas permitem que nos comuniquemos de forma ampla e funcional, dito isso, não há como as ignorar ou supostamente rotulá-las como erradas, visto que não se pode excluir a bagagem linguística de um falante; caso não ocorra a aceitação e o respeito frente aos falares distintos, trata-se, portanto, de um preconceito linguístico.

Quanto aos mitos do preconceito linguístico, é necessário compreendermos e nos acautelar ao mencionarmos algo que não possuímos conhecimento comprovado sobre o fato. Por exemplo, ao pensarmos no mito de número quatro: “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. Perguntamos: como alguém que cresceu ouvindo sua língua materna pode falar tudo incorreto? Ou ainda, por que certa pronúncia é entendida como uma forma grotesca de falar? Todos os mitos se direcionam para uma única resposta: a não aceitação das variedades linguísticas/regionais de nosso país.

Como profissionais de Letras, devemos compreender as variações linguísticas, uma vez que o papel do professor de língua portuguesa é levar o aluno a compreender que a língua é constituída por tais variações linguísticas, que devem ser respeitadas de acordo com as situações de produção dessas falas. Além disso, o profissional de Letras deve combater o preconceito que existe em relação às falas populares ou regionais. Só assim, poderia ajudar, desenvolvendo atividades de interação, que valorizasse essas variações.

Apesar de termos vivenciado uma evolução social e histórica, muitos preconceitos ainda não foram extintos de nossa sociedade; contudo, para que haja mudança no modo de pensar de um povo, é preciso ensinar para transformar; o preconceito linguístico é um entre tantos outros que são velados por um alívio cômico. As variações linguísticas são, portanto, uma riqueza de um país continental, ou seja, de grandes proporções, não só no que diz respeito à expansão geográfica de nosso país, como também no que tange às diversas culturas e falares que auxiliam na construção de nossa história e da nossa identidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 50ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COELHO, Izete, et.al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

FIORIN, José Luiz(org). **Introdução à Linguística**, 6ªed. São Paulo: Contexto, 2002.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2010.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2021.